

Aeroporto estrangulado

A500177
Instituto Jonas dos Santos Neves
Biblioteca

O aeroporto de Goiabeiras, em Vitória, está chegando à saturação. Essa constatação, feita por qualquer passageiro que pretenda embarcar da capital capixaba para qualquer ponto do país nas épocas de maior movimento, é admitida pelo próprio superintendente da Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária (Infraero), Osmar Pinto da Silva, conforme registrou reportagem ontem publicada por este jornal.

A ampliação do nosso aeroporto exige recursos muito altos, que os órgãos federais responsáveis pelo transporte aéreo no país não têm condições no momento de repassar para o nosso Estado. Mas neste caso, pelo menos, o poder público está procurando uma saída inteligente, que é a cobrança de uma taxa de 50 por cento sobre a ta-

rifa de embarque, para levantar a verba necessária, que chega a mais de 250 milhões de cruzados novos.

Expediente parecido, aliás, foi usado para a construção da Terceira Ponte, com êxito. Obra interminável, motivo de galhofa por parte dos capixabas que começaram a não acreditar que ela ficasse pronta um dia, acabou sendo construída com recursos privados de uma construtora que agora está sendo ressarcida através do pedágio. Se não fosse assim, até hoje ela estaria sendo chamada de "ponte do pato", "ponte do gato" e outros nomes criados pela verve popular.

No caso do aeroporto, hoje ele já está com uma sobrecarga de passageiros estimada em 27,7 por cento além de sua capacidade, que é de 360 mil passageiros por ano, provocando

longas filas e constantes tumultos nos guichês das empresas aéreas. Com a demanda prevista dos terminais de passageiros de 10 por cento a cada ano, fica evidente a urgência de sua ampliação.

Outro problema que sofre o aeroporto de Goiabeiras é a pressão imobiliária existente em torno de sua área. Segundo revelação do diretor do Instituto de Aviação Civil (IAC), coronel Júlio Bezerra Filho, que esteve em visita a Vitória, hoje já existem 49 edificações que nos últimos 10 anos feriram o gabarito do aeroporto. Ele prevê, inclusive, que se essa pressão não for contida pela Prefeitura de Vitória, "a malha urbana pode expulsar o aeroporto dali", como aconteceu com o de Congonhas, em São Paulo. É um assunto para ser estudado com carinho pe-

las autoridades municipais.

A questão da grande demanda de passageiros, bem acima do número de vôos que chegam e saem de Vitória, talvez seja um pouco mais complicada para ser resolvida. As próprias empresas aéreas passam por problemas e será difícil que a curto prazo consigam superá-los para aumentar o número de viagens, não só com relação a Vitória, mas também a outras capitais. A Vasp passa por um processo de privatização e, enquanto isso não for resolvido, certamente não terá como aumentar o número de suas aeronaves para apresentar uma oferta melhor. Também a Transbrasil enfrenta dificuldades econômicas, o que dificulta sua ampliação. Enfim, resta o consolo de saber que as autoridades responsáveis pelo setor não estão alheias a todos esses problemas.